

PSICODRAMA - O FORRO E O AVESSO

SÉRGIO PERAZZO
EDITORA ÁGORA
SÃO PAULO, 2010

Ao se fazer a resenha de um livro, o que se pretende é revelar uma amostra de seu conteúdo que possa estimular a curiosidade de um futuro leitor, tarefa essa em parte facilitada pela boa expectativa que uma obra de Sérgio Perazzo desperta na comunidade psicodramática. Tarefa não muito fácil, quando se trata de um livro contendo quatrocentas páginas, a mostrar o quanto de relatos, comentários, posicionamentos e reflexões o autor foi colecionando nesses dez anos que se passaram desde seu último livro exclusivo, embora muitos já comunicados em congressos, artigos e textos publicados em revistas e livros de coautoria.

O estilo de Perazzo, seu "ethos", já é conhecido: parágrafos densos, conceitos minuciosamente enunciados, não se cansando em repeti-los cada vez que se faz necessário para a melhor compreensão do que quer transmitir, sempre entremeados por algo que traga graça, humor, romantismo e poesia ao que escreve, o que deixa a leitura mais amena, agradável e sedutora. Apaixonado pelo psicodrama, é muitas vezes severo na crítica ao que diverge, sejam procedimentos práticos ou embasamentos teóricos, sejam posturas e hábitos da vida institucional.

Como o título do livro já nos assinala, através do forro, que deixa à mostra as idas e vindas dos fios tecendo o pano e bordando desenhos, podemos aprender a tecer a ciência-arte do psicodrama, como se imbricam seus conceitos, suas estratégias técnicas, sua ética, sua filosofia. Através do forro encontramos o tecido que nos possibilita contatos acolhedores, emocionais, afetivos, a intimidade prazerosa com os fundamentos do psicodrama, com os ensinamentos transmitidos, com as reflexões despertadas, com os posicionamentos que desencadeiam concordâncias ou discordâncias.

Nessas quatrocentas páginas, o autor nos contempla com duas partes, constituída por vários capítulos: *I - Atualizações necessárias*, em que o foco se concentra na teoria e na prática psicodramática *II - Miscelânea: prato feito (notas, reportagens, reflexões)*, que contempla as andanças do autor por fatos de sua vida, contando algumas experiências pessoais ou fazendo comentários que visam um compartilhar de ideias.

Direciono uma primeira vista para “o forro e o avesso”, indo do fim para o começo, e minha atenção se volta para o final do livro. Ali está uma foto de Sérgio, com dois anos de idade, sentado, com a cabeça apoiada numa das mãos. A uma indagação de sua tia, respondera: *Estou pensando na vida*. E, para quem já se revelava pensador, nada melhor que ser despertado pela curiosidade, pela fantasia e imaginação, pela espontaneidade que se faz criatividade, pelo universo relacional, pela vida colocada em cena, pelo psicodrama, terreno fértil para a observação vivenciada, para a sensibilidade afetiva, para a elaboração compreensiva de tudo que diga respeito à nossa existência.

Instigado pela curiosidade, priorizo acompanhar o menino que se faz profissional e segui-lo nessa sua trajetória até os dias de hoje. Da forma que li, resenho o livro iniciando pela segunda parte: **Miscelânea: prato feito**.

Em *Inconclusões*, último capítulo do livro, o autor nos traça um esboço, uma rápida e singela autobiografia, memórias de onde nasceu e cresceu, expectativas, imposições, escolhas, liberdade criativa. O menino pensador, responsável e cumpridor das obrigações, já antecipava aquele que se colocaria vigilante contra amarras ditatoriais e ao que pudesse bloquear a alegria de uma espontaneidade vivencial. Cenas a percorrer sua memória, antigas, recentes, atuais, significativas no trajeto psicodramático. Os capítulos que o antecedem: *Uma Breve história do psicodrama no Brasil: um ponto de vista*, *O Primeiro congresso a gente nunca esquece*, *Organização de congressos de psicodrama*, falam de histórias, emoções, experiências, críticas e sugestões à organização e formatos dos congressos de psicodrama. *P de política e proximidade* destaca a sensibilidade humana muitas vezes ausente nos profissionais, seja em seus atendimentos seja em participações políticas institucionais. E refletindo *Sobre o viver*, o que prevalece: o brega ou o refinado? Gravar textos, imprimir monografias, abrir e-mails, tantas outras coisas a se intrometerem na vida, subtraindo espaços para o lazer, o amor, a alegria – constituem os *Pequenos assassinatos* do dia a dia. E qual é a *Ética no ensino de psicodrama*? Uma resposta a ser encontrada na ética do professor de psicodrama. Se *De raspão: tele e sexualidade*, sublinham corpos que se atraem, interagem em movimentos de cocriação, na *Prova do alfaiate: a vida resgatada por meio do luto*, demanda-se um tempo para o acolhimento da dor, para a transformação gradativa, para a nova organização da vida. Estamos na modernidade, utilizamos novas tecnologias, mas *O power point do psicodramatista* ainda continua a ser a dramatização.

Passando à primeira parte do livro, Sérgio se propõe a contar e a fundamentar o que faz através das **Atualizações Necessárias**. São dezesseis capítulos de comunicações, conceituações, teoria e prática do psicodrama.

Cerimônia de Casamento: Psicodrama, Possibilidades e Perspectivas para o Futuro, nos convida a ouvir, falar e compartilhar a essência profunda do psicodrama. Nos vários capítulos que se seguem, nos oferece um amplo repertório de experiências, de articulações teóricas, de procedimentos técnicos, um grande banquete para essa união proposta. Ao refletir

sobre *Que teoria de que psicodrama?* articula a socionomia e seus ramos à teoria da espontaneidade-criatividade, incluindo uma teoria da fantasia e imaginação, e à teoria de papéis, constituindo a estrutura do psicodrama. Concordando com a afirmação moreniana de que uma teoria se constrói no momento em que se dá a ação, o autor valoriza as contribuições da teoria da cena, da multiplicação dramática, da produção cultural das práticas de teatro espontâneo, privilegiando a espontaneidade-criatividade, a fantasia e a imaginação do homem em relação. Ao mesmo tempo, critica as tentativas de construção de uma teoria do desenvolvimento, como as denominadas de teoria do núcleo do eu e teoria da matriz de identidade, que na sua visão não encontram validação como sustentação da teoria e prática psicodramática. Chama a atenção para *Os Equívocos da Teoria e seus Excessos*, que podem ser evitados ou minimizados, se o psicodramatista estiver atento, como investigador-observador participante, aos movimentos grupais regidos por leis que lhe são próprias e aos movimentos existenciais revelados na cena dramatizada.

Tele, Provérbios de Salomão: o processo psicodramático, Transferência e personagem, Conjunto transferencial: desmontando o poder simbólico, A realidade suplementar: redirecionando a transferência, Itabira e a coprotagonização podem ser agrupados como um conjunto de capítulos que se interpenetram por tratar de assuntos que se completam. Neles encontramos contribuições e aportes ao conceito de tele, cuidando para que esse tema não seja tratado superficialmente ou de forma desatualizada, assim como sobre transferência e transferencialidade. Os equivalentes transferenciais - sinais indiretos, que aparecem através de sintomas, sentimentos ou de lógicas afetivas de conduta - se propagam através de papéis sociais e psicodramáticos ou se efetivam como um personagem estereotipado. Qual seu *status nascendi*, *locus* e matriz? Criticando a ideia de papel complementar interno patológico, redefini-o como papel complementar interno conservado. Ao se buscar o *status nascendi* da transferência através de uma realidade suplementar, possibilita-se um novo modelo relacional, não se conseguindo mudar a matriz, o que torna errônea a expressão rematizar. O conjunto transferencial será o guia nas cenas psicodramáticas, colocando à mostra a falta de espontaneidade-criatividade originada no personagem conservado. Através da coconstrução de uma realidade suplementar pode-se desmontar o poder simbólico relacionado ao vínculo primário vivenciado. A ação dramática, que se constitui por uma conjugação de subjetividades, de fatores coconcientes e inconscientes, estabelecidos entre protagonistas, diretor, egos-auxiliares e plateia, estabelece um estado de compartilhamento contínuo, caracterizando o que é denominado coprotagonização.

Sobre iniciadores, A cartola do mágico, A etapa de aquecimento inespecífico, A direção de grandes grupos: atos psicodramáticos, Mr. Multilock: quando o paciente trava, A supervisão psicodramática constituem um outro grupo de capítulos que abordam as ações práticas do psicodramatista. Inicia com a classificação de iniciadores em corporais, emocionais e ideativos, que bem articulados propiciam e mantêm um necessário aqueci-

mento para o desenvolvimento das várias etapas da ação psicodramática. Comenta sobre o uso abusivo de materiais (vestimentas, objetos), do excesso de almofadas, ou de longas entrevistas, que mais servem para um desaquecimento, e aproveita para mostrar como utilizar e proceder nas técnicas de duplo e inversão de papéis, em trabalhos grupais ou individuais. A etapa de aquecimento inespecífico ganha destaque, pois é onde o grupo se faz corresponsável pelo desenrolar da sessão, proporcionando a ocorrência dos emergentes grupais e convalidando o representante grupal que se fará protagonista no decurso da dramatização. Possibilidades de obstáculos à existência de um clima protagônico, manejos técnicos que propiciem o desenvolvimento do tema protagônico, intercorrências, uma voz discordante no grupo, as funções do diretor, as atuações dos egos-auxiliares são didaticamente explicitadas. E como se faz a direção de grandes grupos? Iniciadores, divisão em subgrupos, vários emergentes, representante grupal, o compartilhar em grandes grupos, como proceder? A concretização em imagens não deve ser um procedimento visto como resolutivo em si mesmo. E como melhor nomear os atos psicodramáticos: sociodrama? Psicossociodrama? Qual o foco, qual a demanda? Necessário estar sempre atento aos integrantes do grupo, evitar uma superexposição, identificar um membro isolado. Como ajudar o cliente travado? O que trava o terapeuta? A utilização de técnicas auxiliares pode ajudar no encaminhamento do processo terapêutico? Pequenas dramatizações, desenhos, brinquedos, duplos, espelhos, psicodrama interno, psicoterapia da relação. As supervisões das demandas técnicas e pessoais se baseiam na incorporação de um modelo de elucidação psicodramática e numa aprendizagem para situações futuras. Questões pessoais do psicodramatista, bloqueando sua atuação profissional, não precisam ser derivadas para terapias pessoais, devendo ser cuidadas no próprio instante em que aparecem na supervisão, contando com o consentimento do supervisionado e a continência do grupo.

Último capítulo dessa primeira parte, *Começo do fim* constitui a expressão crítica do autor: questiona a diminuição de trabalhos grupais, os grupos autodirigidos utilizados por principiantes, a superficialidade de algumas modalidades de teatro espontâneo, a não valorização de trabalhos protagônicos, e convida a uma reflexão sobre as normas institucionais que, incorporando um academicismo, engessam a liberdade criativa do psicodramatista.

Um realce deve ser dado aos seis prefácios que abrem o livro e de onde tiro algumas frases referidas ao autor: "... é um contador de histórias. Ele nos faz ouvintes que acompanhamos atentos aos casos e desdobramentos das suas narrativas, que vêm ilustrar, trazer outros dados, complementar as organizações teóricas feitas" (Albor). "Ele se torna protagonista do livro, narrador-pensador de tantas outras histórias com múltiplos personagens, fugazmente protagonistas dos seus dramas sobre temas essenciais à existência humana" (Aníbal). "De protagonista autor, Sérgio se faz ego-auxiliar do leitor iniciante ou já caminhante no psicodrama, remetendo-o para que ocupe seu próprio palco reflexivo, busque sua própria voz" (M.

Marino). “Está entre os autores que resgatam a eficácia do método psicodramático, sua legitimidade como psicoterapia e, sobretudo, sua dignidade. Mostra sua diferença essencial em relação a simulacros resultantes dos excessos de banalização e academicização...” (Camila). “Será difícil não se confrontar com o polemista, muito generoso tantas vezes, irritado outras, mas logo depois muito paciente, bem-humorado, crítico, carinhoso com seus pares, mas batendo sem piedade em outros momentos” (Devanir). “A vasta extensão das questões apresentadas neste livro revela profundidades que redesenham à sua maneira a geografia psicodramática e nos convidam a habitar regiões diversas” (S.Cardim).

“Psicodrama - o forro e o avesso” promove uma revisão atualizada da teoria e prática psicodramáticas, sua tessitura, suas costuras e bordados, seus remendos, trazendo afirmações e posicionamentos, alguns ainda polêmicos, construindo conceitos, criticando atitudes e procedimentos técnicos, sempre exemplificando tudo o que transmite. Em nós, professores e psicodramatistas experientes, reacende a necessidade de observação da prática profissional: o que estamos ensinando, como o estamos fazendo, como estamos utilizando o psicodrama em nosso trabalho clínico, socioeducativo ou organizacional.

Sua última frase no livro: *Nós que somos produtos inconclusos de nós mesmos* caracteriza a entrega à comunidade psicodramática de uma obra aberta a ser continuada por todos nós. Um livro denso para ser lido e relido, merecendo um lugar nas estantes de todos que estudam e praticam o psicodrama. Grato, Sérgio, e parabéns.

Endereço:
Rua Guilherme da Silva, 396
CEP 13025-070, Campinas - SP
Tel: (19) 3251-1497
e-mail: falivenealves@uol.com.br